

APRESENTAÇÃO

Apresentação de textos selecionados de *Preleções sobre a filosofia da religião*, de G. W. F. Hegel, traduzidos por Fabiana Del Mastro

Fabiana Del Mastro

fabiana.mastro@usp.br

(Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil)

As *Preleções sobre a filosofia da religião* são uma compilação de manuscritos e de anotações dos alunos de Hegel dos quatro cursos ministrados sobre o tema durante o período de Berlim (1821, 1824, 1827 e 1831). O texto traduzido é um recorte da versão aprimorada de 1840 da primeira edição da obra, publicada em 1832. Optou-se pelo estudo dessa publicação das *Preleções* - reeditadas posteriormente em 1925/1929, por G. Lasson, e em 1983, por W. Jäschke - pelo seu compromisso estrito com a reconstrução do desenvolvimento orgânico das aulas de Hegel. Esta edição intercala o texto-base, um manuscrito de 1931, com *Nachschriften* de alunos, parte deles revisados pelo próprio Hegel. Afora isso, ainda que a edição de Ph. Marheineke e B. Bauer seja menos extensa que as duas posteriores, seu texto é preservado das interpretações condicionadas pela cisão da escola hegeliana (já bem cristalizada uma década após a morte de Hegel), as quais determinaram o arranjo dos textos das duas outras edições.¹ O recorte escolhido para a tradução não está presente² na edição mais difundida das *Preleções*, a terceira, e por esse motivo ele não pôde ser cotejado com as versões inglesa, francesa e espanhola, todas derivadas da de Jäschke. Desse modo, a tradução resulta do estudo exclusivo do texto original

1 As edições de Lasson e Jäschke das *Preleções* apresentam constituição e organização muito diversas da de Marheineke e Bauer. O que as diferencia desta primordialmente é a utilização de manuscrito distinto (de 1921) do utilizado na primeira edição e de cadernos de outros alunos, nem todos corrigidos por Hegel. Por conta da citada derivação das interpretações, as duas últimas edições também perdem de vista o desdobramento original dos cursos e dispersam o pensamento fundamental de Hegel. Para uma historiografia detalhada das três edições das *Preleções* e compreensão dos aspectos ideológicos das leituras “de esquerda” e “de direita” que influenciaram sua constituição, cf. o excelente artigo de Giordano, D. (2011). The Hegel’s Vorlesungen über die Philosophie der Religion (1821-1831) Sources and critical editions from Marheineke to Jaeschke. *Kriterion*, Belo Horizonte, 123, p. 75-88.

2 De modo mais preciso, parte do referido recorte da primeira edição está fragmentado nas muitas subdivisões que foram acrescentadas na versão de Jäschke; a reconstrução dos parágrafos e da ordem do texto da primeira edição e, por conseguinte, sua comparação com as outras traduções ultrapassam os limites deste trabalho de tradução.

da edição de 1832/1840, impresso pela *Friedrich Frommann* e pela *Suhrkamp*.³As observações feitas a seguir sobre o fio condutor das *Preleções* e do recorte proposto pretendem oferecer um direcionamento geral para a leitura da tradução.

Embora não esconda as visíveis transformações do pensamento de Hegel ocorridas ao longo dos referidos dez anos nos quais se debruçou sobre a questão, as *Preleções* de 1832/1840 têm por objetivo a absorção e o maior desenvolvimento - uma vez que seu objeto já havia sido contemplado de maneira mais abreviada pela *Fenomenologia* e pela *Filosofia do espírito* - dos temas concernentes à religião pelo pensamento lógico e sistemático do Hegel maduro. Mas para além dos interesses específicos aos quais a obra responde, como o pela explicitação do desdobramento filosófico-histórico do conceito de divindade e das religiões que o figuram, bem como o pela tradução do cristianismo e da fé para o pensamento especulativo,⁴ essas *Preleções* também parecem oferecer uma alternativa importante para o acesso ao pensamento de Hegel na medida em que ali se articulam, ora por espelhamento, ora por confluência, os níveis de sua filosofia lógica e de sua filosofia real. De fato, é a própria natureza do objeto das *Preleções* que possibilita a explicitação da ligação entre fundamento e sistema.

Tendo em vista a identificação do *conceito* da filosofia (entenda-se, a pura) com o *absoluto* da religião, restringindo-se sua diferença apenas ao modo de relação entre o pensamento e seu conceito (nível lógico) e entre a consciência religiosa e o absoluto (nível da figuração do espírito), é a partir da consideração do desenvolvimento desta relação - no qual a exterioridade indiferente da *forma* do pensamento ou da consciência caminha para a sua interiorização completa no *conteúdo* - que Hegel desfaz o último vestígio da incompatibilidade dos elementos da singularidade/realidade e da universalidade/idealidade. Rigorosamente, na medida em que o conteúdo já verdadeiro, isto é, o absoluto da representação religiosa, ao se deixar desdobrar por si mesmo, alastra-se sobre a forma e a determina como momento seu, a consideração filosófica esgota a esfera do espírito e dá início ao tratamento lógico das categorias puras do pensamento, que por sua vez é estabelecido como fundamento do sistema da filosofia real de Hegel - esta culminando precisamente na figuração religiosa do espírito.

Foi com vistas à consideração dessa passagem, ao arremate da circularidade do sistema ao fundamento e do fundamento ao sistema, que se propôs a tradução do recorte que segue. Os dois textos escolhidos estão contidos na primeira das

3 Hegel, G. W. F. (1965). *Sämtliche Werke. Jubiläumsausgabe in zwanzig Bänden*. Vol 15 e 16. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*. Stuttgart: Friedrich Frommann Verlag; Hegel, G.W.F. (1986). *Werke 16, Werke 17. Vorlesungen über die Philosophie der Religion I*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

4 Esses dois movimentos são tratados na segunda (*A religião determinada*) e na terceira parte da obra (*A religião absoluta*), respectivamente.

três divisões que compõem as *Preleções*, na seção sobre *A necessidade e mediação da relação religiosa na forma do pensamento* da *Primeira parte - o conceito da religião*. Junto à apresentação da estrutura e à síntese do movimento referido (a sua realização depende da composição das três partes), *O saber mediato enquanto observação e enquanto reflexão* e *A passagem para o conceito especulativo de religião* estabelecem também o ângulo a partir do qual as *Preleções* têm se ser lidas. Ali, Hegel transfere para a perspectiva de sua filosofia real a dialética da finitude e infinitude e o desenvolvimento tripartite do conceito, ambos tratados, respectivamente, no segundo capítulo da *Doutrina do ser* e no primeiro capítulo da *Doutrina do conceito* da *Ciência da lógica*. O resultado dessa transferência abre espaço para a compreensão de que os dois níveis referidos não são perspectivas paralelas sobre a *coisa* ou sobre o objeto filosófico, mas, constituem, também elas, uma unidade propriamente especulativa, na qual cada uma contém a outra como momento seu.

Por um lado, na medida em que a consciência religiosa, identificada às categorias da finitude e da singularidade, experimenta ser momento do absoluto, este, por sua vez, equivalente à infinitude verdadeira e ao conceito, a consideração filosófica se desloca por completo para o polo da idealidade. Este último, redefinido como a totalidade de todo o processo, determina o ponto de vista a partir do qual a identidade do absoluto volatiliza a diferença: a singularidade ou a realidade da consciência permanecem embrulhadas pela idealidade; o pensamento, por consequência, dá início à observação de sua atividade ou, ainda, ao acompanhamento do desdobramento puro do objeto da filosofia, sem sair de seu elemento. Em contrapartida, se no interior desse nível lógico o momento da diferença não resguardasse um aspecto seu que permanecesse incompatível com esta esfera, o próprio conceito ou a verdadeira infinitude seriam impossibilitados. Por certo, a natureza da atividade que os define depende da resistência do negativo no interior da relação. Este ponto cego do conceito reinstaura, portanto, dentro da própria esfera lógica do pensamento, a necessidade da perspectiva da filosofia real, a partir da qual a oposição absoluta dos elementos, a diferença dos termos da relação, resiste à identidade. O estudo dessas *Preleções* apontaria, pois, a uma leitura de Hegel a partir da qual a totalidade de sua filosofia seria propriamente concebida apenas se os dois níveis de consideração filosófica, ou seja, as duas maneiras em que o pensamento se relaciona com seu outro, refletissem a própria atividade interior de seu objeto.

A abertura desse campo interpretativo fornece somente uma dentre as razões da relevância das *Preleções sobre a filosofia da religião* e da necessidade de seu estudo. Nesse sentido, a presente tradução é movida pela intenção de suscitar o interesse por essa obra que infelizmente ainda não foi vertida ao português.